

# REVISTA ILUSTRADA

**CORTE**

ANNO 16 \$000  
 SEMESTRE 9 \$000  
 TRIMESTRE 5 \$000

**PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.**

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
 A RUA DE GONÇALVES DIAS, Nº 50, SOBRADO.

**PROVINCIAS**

ANNO 20 \$000  
 SEMESTRE 11 \$000  
 AVULSO 1 \$000



*Jose Dias Caiado, administrador do trapiche Modesto, a casa empilhada no trapiche*  
*Incendio do trapiche Lazareto, na rua da Gambôa, no dia 22, as 6 horas da tarde*  
*O corajoso trabalhador Modesto, com risco de vida, arranca das chaminas o infeliz administrador.*

## Revista Illustrada

Rio, 31 de Março de 1887.

## PALESTRA

A politica agita-se e os acontecimentos ameaçam precipitar-se.

Ha cerca de dois annos que os conservadores proclamam, com todo o fundamento, que são o primeiro partido do Imperio, e, isto, por uma razão muito simples: — por não haver outro.

Sabe-se que os liberaes, graças a alguns Bazaines, se entregaram ao inimigo, como os francezes, atraçados em Metz.

A opinião de que tal partido suicidou-se, é corrente, e se o Sr. Arthur de Azevedo, ainda não profugiu tão feio acto, foi, provavelmente, por contar algum amigo, entre os parentes do fallecido.

A sessão passada, provou, de mais, que tal partido desaparecera.

Não houve opposição.

A camara e governo viveram como Deus com os anjos.

Mas, ha coisa de dois mezes, uma voz, que parecia a trombeta do juizo final, começou, a fazer sahir dos tumulos — muitos politicos.

Organizou-se um club liberal e chamou-se a postos os correligionarios.

Uma tal effervescencia posthuma, coincida com a chegada do Sr. Lafayette, do Chile, e com algumas longas entrevistas do arbitro brasileiro com a magestade.

Em pouco tempo, segundo se affirmo, o partido liberal estava organizado e unido, e consta nos que vai publicar o seu programma, sobresahindo n'elle o prazo de 5 annos, para a extincção da escravidão.

Não se sabe, porem, de quando será contado.

Ora, toda essa resurreição não tem deixado de intrigar um pouco a opinião, por parecer coisa, assim, á moda de encomenda e para inglez ver.

O imperador está perdendo os fóros de constitucionaesl, visto governar, discricionariamente, com um só partido.

Isto, não convem.

Quando o mundo souber que no Brazil só ha um partido, dirá:

— E' uma segunda Russia, com um segundo Czar!

E acrescentará:

— Até as publicações da policia dizem haver, lá, nihilistas.

E, adeus, fama!

D'ahi, ao que suspeitam espiritos perspicazes, todo esse apparatus opposicionis-

ta do Club, do Jornal e do Directorio, tudo liberal.

Mas será isso partido?

Na quadra perigosa, que atravessamos é bom pôr uma tal affirmativa, de quarentena.

Ha muito quem suspeite, que todo esse arreganho, não passa de uma suggestão, mais ou menos hypnotica — da corôa.

Espereemos pois.

O que é certo é que se o partido liberal não poder viver, poderá, ao menos, fingir.

Enfim... Tem a palavra o Sr. Lafayette.

J. VERIM.

## Catastrophes

Atravessamos uma quadra calamitosa! Além da doença imperial, que tantas apprehensões causou, tivemos nos ultimos dias, um grande incendio, um grande temporal, e, agora, chega-nos a noticia de um grande naufragio, occasionando a perda de muitas vidas.

Ha, ainda, grande angustia no espirito publico, motivada pela insufficiencia das noticias collhidas, ignorando-se, ainda, qual o numero das victimas, assim como os seus nomes.

Tanto a imprensa, como a Companhia Nacional de Navegação, como os particulares, emvidaram os maximos esforços, para darem informações detalhadas, sobre a triste occorrença, que traz em sobresalto o espirito publico.

Sómente o governo, que dispõe dos meios mais efficazes de informação, em taes casos, se mostrou de uma sublime indifferença, não inquerindo do que se passava, nem dando providencias a tal respeito, como era de seu estrito dever.

Reservou-se, provavelmente, para quando não for mais preciso...

Na ultima pagina publicamos o naufragio do *Bahia* e os retratos do commandante Isaac e do seu immediato Silverio, victimas do dever por não terem abandonado o vapor, sabendo que ainda havia muita gente a bordo e na impossibilidade de salvar-se.

Damos, igualmente, na primeira pagina o retrato do infeliz administrador do trapiche *Lazareto*, José Dias Caldas, e o de um seu empregado, de nome Modesto, que, apesar da intensidade do incendio, não hesitou em arriscar a vida para arrancar das chammaes o seu patrão, já horriavelmente queimado e que poucas horas sobreviveu a tão horrivel catastrophe.

## PEQUENOS ECHOS

Depois de se descomporem, em prosa, alguns dos nossos collegas arrepiam carreira e começam a fazel-o... em verso.

Applaudimos, entusiasticamente, a innovação.

Por um lado, ficarão, logo, fóra de combate, todos os contendores que não tiverem accesso no Parnazo e relações com o Pégazo, circunscrivendo-se a area do combate.

Por outro, os golpes de lyra, serão muito menos mortiferos, dando lugar, quando muito, a alguns pés quebrados.

Depois, as descomponendas, por muito assanhadas que sejam, terão a attenuante de serem dadas na linguagem dos deuses.

As allusões perdidas e até as offensas poderão ser classificadas como liberdades poeticas.

Mus, a grande vantagem está em por fóra do combate, todos os que nunca fizeram um verso.

Descompor em prosa, isso, qualquer faz.

Em verso, o caso muda de figura.

Em muito pouco tempo todas essas polemicas cessarão.

E cada qual pensará, que não vale a pena andar a arraujar rimas difficéis, e bonitos trópos para chamar de idiota, a este ou aquelle.

E' o caso, de não valer a pena queimar cêra com tão ruim defunto.

Fechou-se o negro parenthesis aberto pela lei Saraiva-Cotegipe, para lançar officialmente, pobres creaturas humanas, homens, mulheres e creanças, n'uma especie de rol de bestas de cargas.

Sobre milhares de creaturas, fechou-se, como um tumulo, a nova matricula, ai de nós! infelizmente não se fechou, pois o ministro da agricultura ainda concedeu um maz, para a inscripção d'essas victimas.

A omissão equivaleria á liberdade, e para todos esses, o Zebec paulista inscreveu nos livros negros das collectorias o distico dantesco.

A lei diz que a 30 de Março ás 4 horas da tarde, se lavrê termo de encerramento da matricula de escravos.

O ministro addiçou-o, por 30 dias.

Mas, este inferno ha de ter um fim!

Alguns dos nossos collegas tem censurado, acerbamente, o Inspector de saude do posto, por ter dado carta limpa a um navio, a cujo bordo houvera casos de febre amarella.

Taes censuras parecem justas; mas o acto do Inspector tem suas attenuantes. S. Ex. fez como as universidades estrangeiras, que dão diplomas de medico, com a condição do novo doutor só curar... no estrangeiro.

Logo, pois, que o navio manifestou desejos, de nos favorecer com a sua ausencia o Inspector deu-lhe todas as facilidades, suppondo talvez que elle se dirigia para a costa da Africa ou para o pólo do norte.

Infelizmente, o perido abicou a uma das nossas provincias e foi ali acolhido com as attensões devidas ás recommendações que trazia.

D'ahi o grande barulho que houve.

F' que talvez o Sr. inspector esteja convencido de que o Brazil é o Rio de Janeiro.

A ideia separatista, em S. Paulo, está tendo alguns amigos... ursos.

Um d'esses, um tal *Nemo*, do *Diário Popular*, esbravejou conosco, só porque dissemos que a propaganda separatista é mal, dirigindo offensas às outras províncias, que como S. Paulo, eram victimas do fisco central.

Por tão pouco, diz elle que despreza as nossas considerações.

*Nemo* dá, assim, a entender que tem muito desprezo, em deposito, resultado provavel da accumulção de todas as dôzes com que tem sido brindado.

Revela, agora, o capricho de se desfazer d'essa prenda...

Não consentiremos.

E' o caso de dizer:

— Está em muito boas mãos!

Tivemos o prazer de assistir, ha dias, á inauguração de um novo e importante estabelecimento de louças, á rua dos Ourives n. 60, propriedade dos nossos amigos João Clapp e Filhos.

A nova casa está perfeitamente montada, e em condições de servir, o melhor possível, a sua já numerosa freguezia, facto este, que o leitor pôde verificar, dando um passeio até lá.

Agradecendo o amavel convite, que nos foi dirigido, para a inauguração, fazemos votos pela prosperidade do sympathico e importante estabelecimento.

Nicterohy está-se celebrizando!

Um conflicto ecclesiastico entre o cura e o povo, a propósito de uma simples missa em acção de graças pelo restabelecimento do imperador, tem trazido lá, tudo, n'uma polvorosa.

O parochio prohibiu a cerimonia e o povo teimou em que se realisasse.

E' a primeira vez, que nos consta, que uma missa, faz o papel de pomo de discordia!

Atual, a cerimonia teve lugar, assim como uma manifestação — sem retrato a olho e sem copo d'agua — ao despótico vigario.

E, segundo referem os jornaes, houve muitos assovios, fóras, acabando tudo em furiosa pateada, como quando um actor não sabe representar bem o seu papel.

O vigario de Nicterohy, a estas horas, medita nos inconvenientes de excitar o povo...

Foi quasi o *Hyssope*... em acção!

Fallava-se da questão da carne secca.

— Veja — dizia um dos circunstantes — fecham-se os portos ás carnes estrangeiras, e passam-se seis mezes sem maior novidade. Que bella occasião para fazer desenvolver a mesma industria, no Rio Grande do Sul!

— Mas, os governos de Montevideu e Buenos-Ayres empenham-se em que as carnes venham de lá! Até o general Santos...

— Pelo menos, eu lançava-lhe um impoquinho.

— Eu, — atalhou um inglez, que fazia

parte do grupo, — se estava governa do Brazil, augmenta elle cincoenta por cento! Muito bem!

Por nos parecerem cheios de actualidade, publicamos os versos seguintes, que um assiduo collaborador nosso compôz, sobre a questão dos *calhambecos* e *tartarugas*, em que fallou, no Senado, o Sr. barão de Cotegipe.

Agora, com as peripécias que se deram com o canhoneira *Traripe*, chegada da terra do presidente do Conselho, tudo quanto se conhece de caprichos nauticos — fica a perder de vista.

Mas, vamos aos versos:

#### NAVIO-OSTRA

Da terra da malagueta  
Chegou, ha pouca, a *Traripe*;  
Vendo-a, fez uma careta  
O nosso hom Cotegipe.

Quando elle se referia  
Aos nossos vazos de traz,  
— Que *tartarugas*! dizia,  
— Que *calhambecos*, Jesus!

Agora, que dirá elle  
Da canhoneira *Traripe*?  
Certo, não cabe na pelle  
De orgulhoso, o Cotegipe.

Temos navios que andam  
Para os lados, para traz,  
Temos outros que desandam...  
Mas, só esse, nada faz.

Nem por empenhos se agita  
Ninguém o conteece a andar...  
Só em mover-se acredita  
Quando o vão lá rebocar.

Que ironia, oh! desventura  
Em tal profligio se mostra!  
Tal navio é... *cara-dura*...  
Não é canhoneira... é *ôstra*.

Domino.

### A Festa da colonia Allemã

No dia 22, anniversario natalicio do imperador Guilherme, os subditos allemães residentes na Côrte, organisaram diversos festejos, para commemorarem o acontecimento, que lhes trazia recordações da patria longinqua.

O programma da festividade estava perfeitamente organizado, e, sem a contrariedade do mau tempo, teria tido um exito brilhantissimo.

Logo pela manhã, a colonia allemã, acompanharia ao Jardim Botânico, em bondés espedraes, os alumnos e alumnas das suas escolas, realisando-se n'esse aprazivel local, um *pic-nic*.

Esta parte dos festejos foi muito prejudicada pelo mau tempo.

A' noite, porem, no Polytheama, houve

a commoção d'essa contrariedade, realisando-se uma sessão solemne, em que tomaram parte todas as sociedades germanicas da capital, sendo entusiasticamente saudado o imperador Guilherme pelo seu 90.º anniversario.

Depois dos discursos e das saudações seguiu-se uma brilhante *soirée*. O Polytheama foi transformado em bello salão de baile, cruzando-se os pares, com extraordinaria animação.

Tomando parte graciosa, nas preocupações do paiz, em que é hospede, a colonia allemã, enviou para Petropolis um telegramma, felicitando o imperador do Brazil pelo seu restabelecimento.

N'uma palavra, a commemoração feita pelos subditos allemães do anniversario do seu imperador, foi uma festa distincta, que captivou a todos que a ella assistiram.

A imprensa da côrte, estava representada, e foi objecto das maiores attanções.

Um bravo á colonia allemã e mil felicitações, pelo bom gosto e distincção da sua patriótica festa.

### THEATRO-VINHETA

EMPRESARIOS

I

JACINTHO HELLER

E' elle do theatro o grande magico.

Tentou da *Phénix* restaurar a voz.

Mas debalde o tentou

Por a haver feito *oupa* e não *dramatico*.

E n'esse empenho de encontrar *avós*,

D'avi da Christo a sombra procurou.

Trabalha como um *meuro*,

Tanto ao trabalho *amor*.

E se não colhe *louças*, colhe o *loaro*

De um hom trabalhador.

LUZ MACHADO.

### Hyp! hyp... notismo

(CONTO)

Aconteceu-me um dia, n'uma viagem ao norte, ter como companheiro um velho eccentrico, de adavel trato, porem inimigo fidalgal dos medicos e da medicina.

Conversavamos, muitas vezes, agradavelmente, sobre o tempo, sobre a politica, e elle revelava-se um homem observador e instruido.

A sua palestra era animada e original. Um dia, porem, que, por acaso, tocamos na missão do medico, o homem pulou, transfigurou-se, e pondo-se de pé, exclamou:

— E' horrivel! Não falemos n'isso.

— Oh...



— Os médicos... os médicos, disse saltando uma gargalhada nervosa, são os algozes da humanidade. Além das mortes que lhes peçam, deve-se a elles a decadência do especie humana...

— Como assim? Não creto.

— Ora, ora! O Sr. observe a natureza. Todos os seres são saudáveis, alegres e esportivos. Não ha entre elles doenças hereditarias... Na antiguidade, tambem, as pessoas affectadas de qualquer mal eram lançadas á beira da estrada. A impressão moral, contribuiu poderosamente, para abreviar-lhes a vida. Assim, de os fortes, os saudáveis se reproduziam gerando essas raças heroicas e gigantes, que um dia povoaram a terra. Em toda a natureza, o que se dá, o ser doente ou decadente, não se abandona... não se reproduz.

— De facto... Mas isso é barba.

— Qual barba? Semie os sofrimentos de um homem só, e compare os com os de tres ou quatro gerações seguintes. Até que a morte restabeleça o ordenamento maior barba.

— Effectivamente...

— Pois observe o progresso e a civilização tem este outro, da reprodução de seres emprestáveis, os médicos e que se deve isso.

— E nos esforços dos dentes, á sua própria vontade. Ninguém quer morrer.

— Bem, bem. Mas, se não viessem elles com os seus palm-toves, prolongar por mezos ou annos, essas existencias condemnadas, o mundo seria, muito mais bello e a gente muito mais escolhida. São uns algozes! Deve-se-lhes a decadência do especie humana.

— Sim... Parece incóntestável.

— Incontestabilissimo. O que é a decadência? Um rujo que cae sobre o individuo. Lastima-se e passa. Tod'avez disse-se da isso, e ninguem se queixa dos males, que caem nos outros. Se o mal não tem de ficar, para sempre, estropiada, o mal é que desapareça, sem deixar nenhuma de seus achaques.

— É uma facilidade, que não podemos remediar.

— Como todas as outras. O que o macho é muito sujeito á tuberculose. Mas o Sr. não é capaz de apunhar um só que seja phthisico. Porque?

— Porque o individuo affectado, não podendo seguir os companheiros á morte, abandona. A tristeza restringe-lhe o martyrio, ao pa-so que a medicina lhe prolongaria. E não se reproduz, que é a grande vantagem.

— Creio que o Sr. tem razão.

— Parece barba, mas não é. Pezo bem as circunstancias e veja como a natureza é sabia: prefere o martyrio de um individuo, ao de uma ou duas gerações. Nós, ao contrario, com o auxilio dos médicos, vamos prolongar uma existencia condemnada, para que successive gerações, innocentes e sem responsabilidade, vivam n'um inferno. E tudo isso por causa d'esses senhores! Ohe, por meu gsto, mandava arrazar as escolas de medicina.

— Era o diabo...

— E então, agora, com o tal hypnotismo. Todo se cura por suggestão e... m factotum. Não leu os artigos do Paris?

— Li; pareceram-me ingenuos.

— Muito.

— Eu, não creio em tal medicina.

— Nem eu.

— É uma historia de dormir de pé. Um amigo meu, há ha tempos a um d'esses gallones. Elle mandou o contar, recostar

a cabeça e fechar os olhos. Depois, fez varios signas mágicos, e disse para uma pessoa que o acompanhava:

— Está dormindo.

— Perdão, Sr. Doutor, disse o doente, não estou dormindo.

— Está.

— Não estou!

— A prova de que está é que não é capaz de abrir os olhos.

— Pois não! Quer que abra?

— Quero ver, só...

O doente arregalou os olhos.

— É verdade, disse o Esculapio, confundido. A's vezes dá-se d'isto, em pessoas refractarias... É preciso fazer outra sessão. Volte d'aqui a dias...

Mas o melhor é desfecho:

— Quanto devo, Sr. doutor? disse o doente.

— Trinta mil reis!

O infeliz lançou a nota e saiu praguejando.

Eis o hypnotismo!

— Hom'essa!

— É verdade.

— Quer que lhe declina nomes?

— Tenho curiosidade.

O velho excentrico aproximou os labios do men ouvido e pronunciou dois nomes conhecidos.

Estavamos sos, no tombadillo e a lua brilhava nos ceus, com um clarão phosphorescente.

Eu fiquei boquiaberto a pensar em tudo isso, parecendo-me o tal velho um personagem de Hoffmann.

Nisto, ouvi uma gargalhada e estas palavras:

— Ora, ora. Não fallemos mais n'isso.

Bão noite!

Tudo o que se passara me parecia um sonho. Ficando só, ao marulhar das ondas, e nos reflexos verdes do luar, pensei que esse velho era o proprio diabo, que estava a converter-se comigo.

Correu-me um frio nervoso pela espinha dorsal, quiz levantar-me senti-me preso, tentei gritar e a voz abafou-se na garganta.

Disse então, comigo:

— Isto, com certeza é sonho: Eu não sahi de casa e como é que estou viajando? Fechei a porta do quarto e como diabo me appareceu este velho a fazer dissertações? Isto é sonho!

Neste momento de suprema angustia á providencia, di-foçada n'um moleque, prestou-me o grande serviço de pronunciar, em voz alta, estas palavras:

— Não-não, o café!

Dei um pulo, esfreguei os olhos e só assim me vi livre do horrivel pesadello que me subjugava.

— Moleque, exclamei, és um heroe! Dá cá um complexo.

— Ué! exclamou o capadocio, atirando com a chiara e fugindo, a toda a velocidade.

— Vem cá!

Qual! o moleque voava, gritando que eu estava doente.

Dei os tres companheiros entraram no quarto, com o olhar esgarçado e incerto.

— Então, o que é isto?

— Nada! o moleque assustou-se, não sei porque.

Deram uma gargalhada e sahiram murmurando:

— Este Felix, tem ideias...

Não sei que juizos temerarios foram fazendo.

Livrem-se de uma d'estas!

S. MARCIAL.

## Pelos Theatros

### O MERCURIO

Como trabalho litterario, pôde-se dizer que a nova revista dos Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, vai muito além do que se pôde exigir, d'esse genero de peças.

Está architectada com arte, e escripta com primor, não tendo a afecção nem as allusões, nem as injustiças, que pollulam, em outras.

Orvindo-a, na primeira noite, dissemos commoço:

— A nova revista será muito elogiada, mas, não fará carreira.

Ainda é cedo para saber se nos engranamos. Creemos, porem, que esse genero de composições, é um dos menos viáveis, e quasi sempre de duração ephemera. Ou as revistas hão de ser apimentadas e fortes, para agradarem ao publico levião, que as procura, ou hão de ser delicadas e litterarias, para captarem as boas graças da critica.

No primeiro caso, é quasi certo que naufraguem ante os côrtes do Conservatorio, e os conflictos que provocam, entre os assistentes.

No segundo, passarão, mais ou menos, desaperecidas.

E' o que, até hoje se tem dado nos paizes, que, intermitentemente, toem cultivado o genero.

E, entre nós, a regra tem sido confirmada. Exemplos: o assanhado *Bilatra*, e o inoffensivo *Corioco*.

Nós preferiamos que os Srs. Arthur de Azevedo e Moreira Sampaio, dedicassem a outra especialidade, menos theatral, porem mais digna do theatro moderno, as aptidões, de que tem dado provas, na contextura de tantas peças de exito ephemero.

O *Mercurio* prova que não lhes faltam recursos, pois, sendo uma segunda revista dos acontecimentos de um anno pobre, como o de 1886, ainda, assim, ouve-se com prazer, uma vez ou duas, dando uma ideia muito lisonjeira, do engenho dos auctores.

O entrecho, como o de todas as revistas, é trivial e disparatado. Para dar lugar a essa exhibição de scenas, é preciso partir do principio, que, em qualquer sociedade existe um pater familias, que jura só dar a mão de sua filha a um auctor de revistas do anno, o que nunca se deu, e, provavelmente, jamais se dará.

D'ahi, o namorado, passa a invocar os deuses da mythologia (coitados, ha tanto tempo fallecidos), e elles, então, produzem o milagre apocripico de lhe mostrarem os acontecimentos de 1886, no Rio de Janeiro. Haverá nada mais tolo?

O novo *Bilatra* e a musa das revistas, andam pois do Olympo para a rua da Guarda Velha, e d'esta para as casas de vispota e para as brigas dos capoeiras.

Com tão magro entrecho, parece até impossivel fazer coisa que tenha qualquer aspecto de peça theatral!

Mas, ali é que ha a manifestação do talento — dos auctores, tirando grande partido d'essas scenas desconexas, em linguagem elevada, fazendo, por vezes, rir, com boa vontade, das peripecias que se vão desenrolando.

Ha, tambem, alguns typos, muito bem executados e que concorrem, poderosamente para o bom exito da revista.

Finalmente, o *Mercurio* é um *tour de force*, está escripto com primor, e só é sacrificado pelas exigencias do genero, a que se filia.

O mesmo trabalho, sobre outras bases, poderia dar um renome bém maior aos auctores, assim como mais aturado prazer ao bilheteiro.

Sendo, essa, incontestavelmente, a primeira das revistas exhibidas em nossos palcos, não logrará, todavia, que os empresarios, gente practica e ladina, assim a classifiquem.

E' pena, que não se possa conciliar tudo!

Pelo trabalho que deu e pelas qualidades que revela, o *Mercurio* era digno de melhor sorte.

A musica, não nos pareceu nem bem escolhida, nem feliz.

E' tal, porem, o nosso desejo de ser amáveis com os auctores, que fazemos ardentos votos nos deuses do Olympo, para que, n'estas ligeiras apreciações, nos enganemos, redondamente.

O *Recreio Dramatico* solemnizou, no dia 25, a centesima representação do drama de grande espectáculo, o *Conde de Monte-Christo*.

Esta peça tem sido um verdadeiro talismã para a empresa, e, ainda d'esta vez, afirmou o seu poder, levando ao *Recreio* grande concurrencia.

Alem dos attractivos, mais ou menos conhecidos, o *Conde* apresentava-se em nova toilette, e em meio de scenarios esplendidos, que o publico gosta sempre de ver e de admirar.

Nossos parabens ao Dias Braga e aos seus incansáveis e dedicados companheiros.

BINCUTO

## Industria Nacional

Em nosso ultimo numero mal podemos accusar o recebimento de diversas amostras de fumo, preparado na fabrica dos Srs. Antonio Campos & C<sup>o</sup>.

Hoje, com conhecimento de causa, podemos recomendar ao publico os productos d'esses fabricantes, fazendo votos, porque, cada vez menos, o Brazil exporte um dos seus primeiros generos, por dez réis de melcoado, para receber, d'ahi a mezes, a pezo de ouro, disfarçado em charutos, cigarros e caporaes, de toda a especie.

Animaremos, sempre, todas as industrias do paiz, pois, sem ellas, não passaremos nunca de um povo essencialmente agricola, isto é, quasi no estado primitivo, quasi na phase pastoril.

Para nós, o livre cambio, prégado em um paiz nascente, é um crime de lesa-pa-

triotismo, um delicto tão grande, como o abandono de uma creança, que apenas engatinha, em meio de uma praça publica, aonde os transeuntes e os vehiculos se cruzam, atarefados, empurrando ou mutilando tudo o que encontram no seu caminho.

Convictos d'essas ideias, é, sempre, com prazer, que registramos o apparecimento de novas fabricas ou de novos productos, preparados no paiz, dando trabalho aos braços ociosos, e enriquecendo o patrimonio nacional.

O fumo que os Srs. Antonio Campos & C<sup>o</sup>. preparam é excellente, e lucta vantajosamente, com todos os generos similares, que nos vem do estrangeiro.

O seu preço, tambem, é convidativo. N'uma palavra, as novas marcas de fumo *Carioca* e *Imperial Americano*, são dignas da protecção do publico.

Eug. Hlick.

## O VÉU

Que barbaros delictos,  
Oh Moda, não suggeres  
Aos gustos exquisitos  
Das pallidas mulheres!

Pões a elegancia em lotes,  
E, com artes somenos,  
Tornas bem hotientotes  
As mais ethereas Venus.

Quasi sempre, á belleza  
Impões, com teus ardis,  
Um véu... Uma tristeza  
Sobre os meigos perfis!

Mil transas infinitos  
Um tal capricho cria,  
Indifferente nos gritos  
Do amor e da poesia!

E' como em sonho lindo  
De belleza e de amor,  
Um pesadello infundo,  
Subito, a se interpôr...

Os astros generosos,  
Ao menos, dão a flux,  
Aos páramos umbrinos  
Constellações de luz.

A' moda indifferentes,  
Mal desfallece o dia  
Das estrellas trementes  
Sempre a luz irradia.

Semente o avarento  
Idolatra de ouro,  
Por baixo sentimento  
Occulta o seu thesouro

E, tu, resurreição  
Do Helletico esplendor  
Escondes-te! E' em vão,  
Pois te adivinha o amor.

Ergue o teu véu, senhora,  
Ergue-o por compaixão,  
Que não se o-culta a aurora  
Em fonda escuridão...

Nem é sob a folhagem  
Que as flores perigrinas  
Dão nos beijos da aragem  
As corollas divinas...

Nascida no Oriente,  
Em convento ou harem,  
Tal moda, tão sómente,  
A's freiras fica bem.

Senhora, esse teu véu  
E' um crêpe luctuoso  
Que nos sonega o céu  
Radiante, esplendoroso.

E' como o nevoeiro  
Que occulta ao naufragado  
O sólo hospitaleiro  
O lar em vão chorado.

Traz á memoria as grêdas  
Espurias, negrejas,  
Sumindo as labaredas  
Dos fulgidos diamantes.

E lembra a tinta escura  
Com que um boçal abbade  
Cobrisse a architectura  
De um templo de outra elada.

J. V.

## Livro da Porta

A *Judia Rachel*, scenas orientaes.

E' bastante curioso e recommendavel o livro, cujo titulo encina estas linhas, e que nos foi rematido por snas auctoras, a Exma. Sra. D. Francisca S. da Motta Diniz digna directora do collegio Santa Isabel e sua filha D. A. Diniz.

Sob a fórma attractiva de romance, descrevem as illustradas auctoras varias scenas de costumes orientaes, reproduzindo-as com bastante vigor descriptivo.

Folgamos, ainda uma vez, em registrar que o bello sexo, em nosso paiz, não é indifferente ás preoccupações litterarias, antes as trata com carinho.

Com frequencia, ha certo tempo estão apparecendo trabalhos litterarios e artisticos, subscriptados por senhoras.

E' um symptoma, devéras promettador.

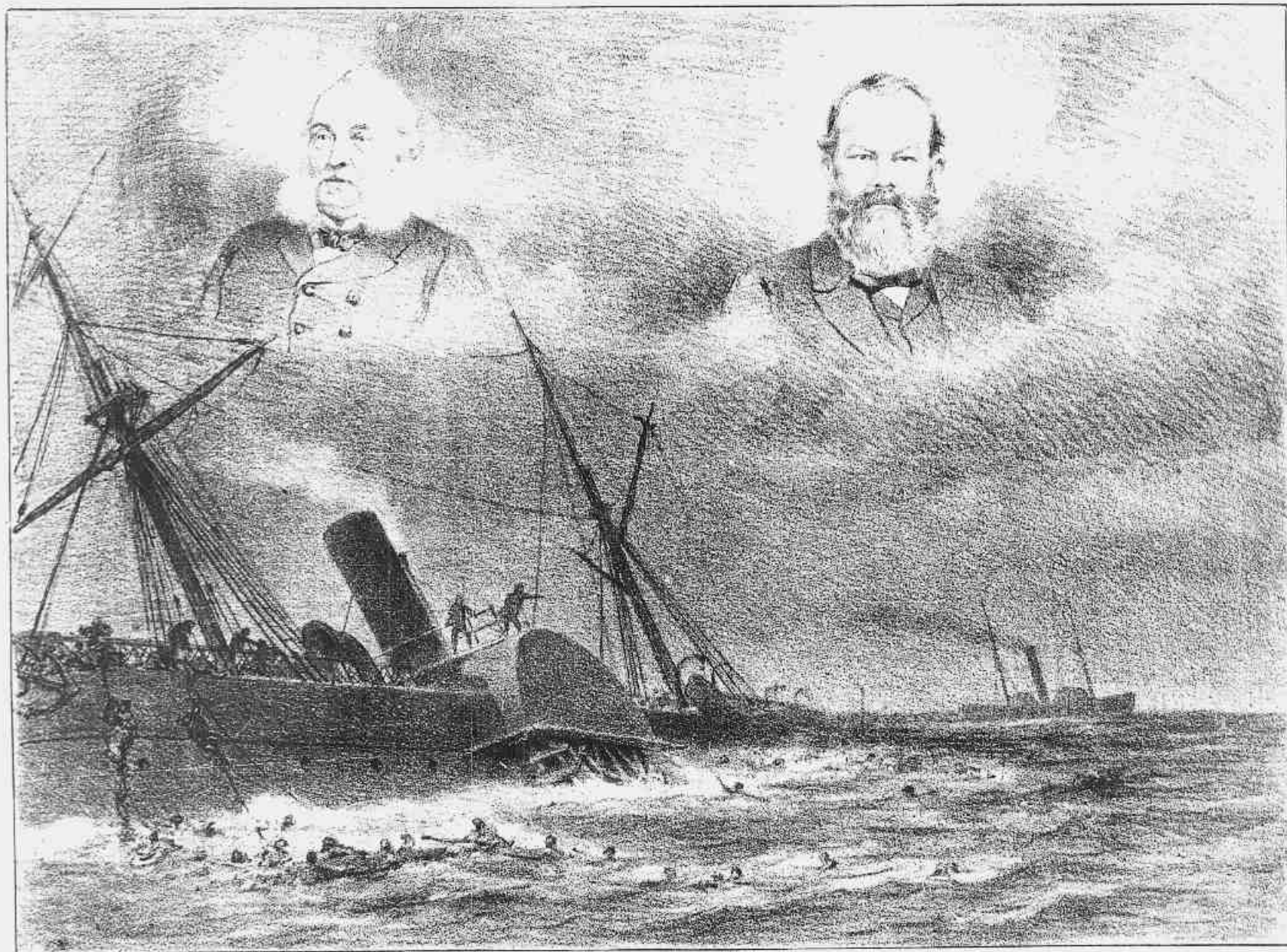
O livro que a Exma. Sra. D. Francisca S. da Motta Diniz acaba de dar á publicidade é interessante, escripto com correccção e de leitura muito amena.

Felicitando a auctora, fazemos votos porque nos continue a dar outros fructos do seu primoroso talento, soude, como n'este, se reflectam os sentimentos de uma alma de eleição, vibrando de eutusiasmo, por tudo o que é grande e bello, e detendo-se, aqui e acolá, cheia de commoção, ora para chorar as desgraças alheias, ora para prodigar as injustiças sociaes.

Agradecemos o valioso brinde.

THOMÉ J<sup>o</sup>

*Naufragio do paquete "Bahia" da Companhia Brasileira de Navegação, na noite de 24 para 25 de Março (1881)*



O "Pirapama" da Comp.<sup>a</sup> Pernambucana, achando-se com as luzes apagadas e sua tripulação dormindo, abalroou a "Bahia" que submergiu-se em menos de 10 minutos. Longe de prestar socorro, o deshumano comandante do "Pirapama" fugiu do lugar do sinistro, concorrendo, assim, para que o numero das victimas passasse de 100, em duzentos e tanta pessoas! Entre os que pereceram, contam-se o Comandante Aureliano Isaac e o seu imediato Silverio Antonio da Silva, cujos retratos damos acima.